

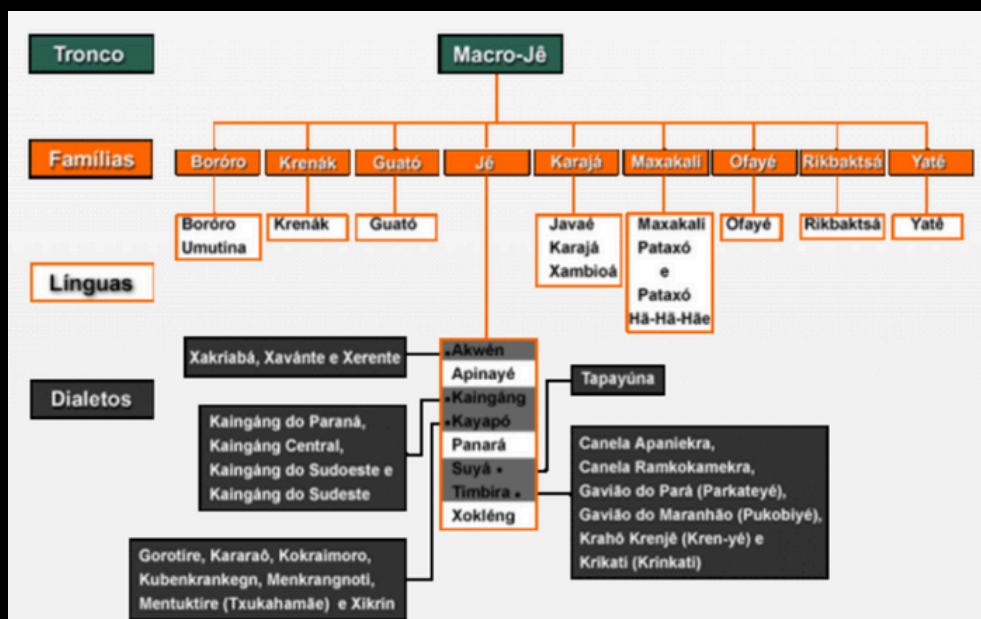
A close-up photograph of a woven basket. The basket features a complex weave of yellow and purple strips, creating a geometric pattern. The texture is visible, showing the individual strands of the weaving material. The lighting is warm, highlighting the natural colors of the materials.

MEMÓRIAS VIVAS: A História dos Indígenas do Sul

Memórias Vivas: A história dos Indígenas do Sul

Kaingang:

Os indígenas Kaingang, que se autodenominam Kanhgág, estão distribuídos em 46 terras indígenas nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Falantes do tronco linguístico Macro-Jê, da família linguística Jê, a língua Kaingang é composta por cerca de 5 dialetos, para seus diferentes clãs.



Mapa das Línguas do Tronco Macro-Jê. Disponível no site Povos Indígenas no Brasil (PIB).

O território do Paraná

Em sítios arqueológicos no Paraná é possível encontrar, em diversas regiões, vestígios de povoadamentos que datam de oito mil anos atrás, aparentando ser uma cultura de cerâmica e pedra lascada. Os Kaingang fazem parte das migrações dos povos da família linguística Jê (pertencente ao tronco-linguístico Macro-Jê). Os sítios arqueológicos no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, apontam vestígios que conectam os povos antigos aos atuais indígenas Kaingang, estas sociedades antigas seriam ceramistas e produziam as casas abaixo da terra chamadas de Tindiqueras.

A ocupação colonizadora do norte do Paraná aconteceu entre as décadas de 1930 e 1950 e construiu-se um discurso de que os territórios constituíam vazios demográficos, assim disponíveis para serem utilizados e ocupados.

Tal discurso se desenvolve com a ideia de que sociedades como as indígenas só possuem importância se tiverem relação direta com a constituição da sociedade capitalista. Assim, o contato de empresas colonizadoras com os indígenas tendia a ter resultados violentos, causando muitas mortes e expulsão dos indígenas de seu território tradicional, além de serem assolados com doenças para as quais não tinham nenhum tipo de proteção, tais ações quase causaram a destruição do povo indígena Xetá.

Organização Social:

Os Kaingang se organizam de forma sociocêntrica e possuem princípios cosmológicos dualistas, se organizando dessa forma em sistemas de metades. As metades organizadoras são chamadas de *Kamé* e *Kairu*, esses são os nomes de heróis culturais, responsáveis pela divisão entre homens, e também dos seres da natureza. A dualidade é fortemente expressa no princípio da exogamia das metades, assim os casamentos, tradicionalmente, devem ser entre as metades opostas, *Kamé* se casa com *Kairu* e vice-versa. Existem hoje também aqueles que se casam fora de suas etnias, por exemplo com não indígenas ou outras etnias como Guarani e Xetá.



Grafismos Kaingang Kamé e Kairú.
Artista: Naum
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

Os filhos de um casamento recebem a filiação da metade paterna, a existência da criança é do pai e a mãe acaba sendo somente uma guardiã. Dessa forma o genro, após o casamento se muda para a casa do sogro. A identificação das metades é feita principalmente pelo nome, pois cada metade possui um “estoque de nomes”, que vem do lado paterno e podem ser moldados e manipulados para proteger as crianças. Essa mudança de casas não representa um afastamento dos pais, pois os filhos casados ainda mantêm relações de solidariedade, principalmente na questão das roças, que muitas vezes são passadas de pai para filho. Pode ainda ocorrer casos em que o casal constitui uma nova casa, esta é construída dentro de uma unidade social onde o casal é integrado.

As unidades sociais, são formadas por famílias entrelaçadas que dividem responsabilidades culturais. Assim a unidade familiar é um grupo de família nuclear, ou seja, os pais e filhos, eles podem fazer parte de um grupo doméstico formado por um casal mais velho, seus filhos e filhas, genros e netos. Não é necessário que ocupem a mesma habitação, mas sempre ocupam o mesmo território. Dessa forma, conseguem também aplicar seus princípios de dualidade, pois dentro desses grupos estarão presentes as duas metades.



Uma mãe
Kaingang com
seu bebê: Jaciele
Nyg Kuitá e
Helena Kygvân
Kuitá.
Disponível: Os Kaingang do
Apucarantina e suas
histórias



Um menino
Kaingang da
Terra Indígena
Apucarantina:
Enilton Tógfy
Lourenço.
Disponível: Os Kaingang do
Apucarantina e suas
histórias

Tal organização ocorre dessa forma por uma questão territorial, é incomum que essas pessoas se distanciem de seus territórios, pois se afastariam de suas ligações, seus familiares, assim como do local onde nasceram e de seus antepassados que continuam ali presentes.

Os grupos são organizações de maneiras hierárquicas onde o espaço máximo é o do cacique, seguido pelo vice cacique, juntos eles planejam ações políticas. Tradicionalmente, ainda visto em algumas terras indígenas, esses líderes deveriam pertencer a metades opostas pois somente alguém de sua metade poderia aplicar uma punição, o que permitia e permite maior complementaridade das posições. As atividades dos líderes implicam uma boa representatividade da comunidade perante assuntos políticos, jurídicos e éticos, principalmente frente aos não indígenas. A escolha de um cacique é feita por meio de votação e o corpo político é formado não somente por ele e seu vice cacique, mas também por um conselho chamado de Liderança, que são indivíduos com atividades específicas de controle sociais e tomadas de decisão.

Mesmo distribuídos por extensos territórios, os indígenas Kaingang ainda dividem e compartilham crenças e práticas ritualísticas, possuem um profundo respeito e apego a terra, onde enterram seus umbigos e seus falecidos.

Comidas Típicas:

Hoje a alimentação Kaingang é a mesma dos não indígenas, muitas vezes por falta de meios de produção tradicionais. São poucos os alimentos que ainda são consumidos de forma tradicional. O milho por exemplo ainda é muito usado, cultivado dentro de seus territórios e ele se torna a base alimentar, principalmente o milho colorido, nativo do Brasil.



Milho colorido, nativo do Brasil e tradicional aos povos indígenas.
Disponível: Os Kaingang do Apucarantina e suas histórias

Além do consumo do milho na forma assada ele também é usado para a produção de bolo azedo, onde debulham o milho, depois o moem e misturam com água até se tornar uma massa, em seguida é deixado de lado para que azede por alguns dias e depois consumido com carnes assadas. Eles se alimentam também de corós de palmeira, que são larvas que vivem dentro dessas árvores, chamadas na língua tradicional de Grón-grón. Se alimentam ainda de peixe, palmito, mandioca e batata doce.



Corós de Palmeira. Grón-Grón.
Disponível: Os Kaingang do Apucarantina e suas histórias



Bolo Azedo Branco.
Disponível: Os Kaingang do Apucarantina e suas histórias

Utilizam uma estrutura chamada monjolo que é de origem oriental e chegou ao Brasil no período colonial, tradicionalmente hidráulica, a estrutura auxilia na aceleração da produção da mão de obra escrava no Brasil. Utilizado para triturar grãos, abrir cascas, a estrutura continua sendo utilizada ao longo do desenvolvimento, muito presente nas fazendas e absorvido por culturas indígenas, no sul do país se destacam os Kaingang. O monjolo se torna relevante na cultura kaingang e na produção de alimentos tradicionais. Entre eles é mais comum o uso dos chamados monjolos de pé, que não possuem um sistema hidráulico e são movidos de forma manual.



Socando o milho
no monjolo de pé.
Disponível: Os Kaingang do
Apucarânia e suas histórias



Acervo MAI - Museu de Arte Indígena
Terra Indígena Rio das Cobras - Nova Laranjeiras/PR
Ano de Ingresso: 2019

Xamanismo:

Os *kuiã* (xamãs) são indivíduos responsáveis pela cura e pelo conhecimento, de ver e saber o que é. O conhecimento dos *kuiã* é adquirido através de companheiros, ou guias animais, depois de feita a conexão o xamã não pode caçar o animal que representa seu guia. São esses guias que irão ensinar ao *kuiã* quais são os “remédios do mato”, mas esse conhecimento não é restrito ao xamã. Os *kuiã* também possuem a habilidade de ver o que vai acontecer ao seu grupo, consegue saber o que os adversários preparam para um ataque, por exemplo. O xamanismo é a representação da relação entre os indígenas, a sociedade e a natureza.

Produção Material:

Assim como sua cultura imaterial, a cultura material Kaingang é extremamente rica, produzem armas de guerra e caça, tecido, cestos de taquara de diferentes tamanhos e diferentes fins e adornos diários, ritualísticos e comerciais.

A produção de armas é constituída por arcos (*uy*), flechas (*dou*) e lanças (*urugurú*). As pontas das flechas são feitas com ossos de animais, de ferro, pedras e taquara. O tamanho dos arcos depende de seu objetivo, mas podem chegar de 2,10m a 2,70m, os grandes arcos eram utilizados em guerras e na caça de animais de grande porte, para animais de pequeno porte os arcos eram menores. Hoje a produção de armas funciona como uma continuidade da produção cultural ou como adornos para venda, pois atualmente não ocorrem guerras e se ocorre a caça, o fazem com espingardas.



Arcos.
Lanças.
Artista: Leandro Kaingang.
procedência: Curitiba - PR
Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

Os grafismos Kaingang estão sempre conectados a sua cosmo percepção dualista, assim *kamé* e *kairu* apresentam grafismo correspondentes. A metade *kamé* apresenta grafismos abertos, longos, compridos, altos e são chamados de *téi*. A metade *kairu* apresenta grafismos redondos, losangulares, baixos, fechados e são chamados de *ror*. Os dois podem também ser apresentados juntos, essa fusão é chamada de *ianhiá* (marca misturada).



Grafismos Kaingang Kamé.
Artista: Naum
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

Os indígenas Kaingang se destacam principalmente na produção de cestaria. É uma atividade majoritariamente feminina e desde a infância as meninas iniciam o aprendizado de tecer a palha, os homens costumam ajudá-las na colheita do material para a produção. Assim, a produção dos objetos em palha trata de uma relação entre grupos familiares e de parentesco, pois é através dessas relações que são transmitidos os conhecimentos de ensino e aprendizado.

Nos cestos e balaies também estão representadas as metades cosmológicas de *kamé* e *kairu*, assim cestos compridos são associados a metade *kamé* e cestos redondos as metades *kairu*, tanto no formato quanto nos grafismos. A produção de instrumentos musicais assim como as músicas tradicionais, se originaram nas matas, e elas foram ensinadas aos antepassados pelos animais, em um tempo imemorial onde eles ainda possuíam a fala. Alguns dos principais instrumentos são o chocalho (*xikxy*) e o arquinho (*xinxy*). O chocalho é um instrumento mais comumente utilizado pelos xamãs e é popularmente conhecido como maracá. O arquinho seria um instrumento semelhante ao berimbau ou violão de boca.



Cestos Kaingang.

Procedência:

Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.



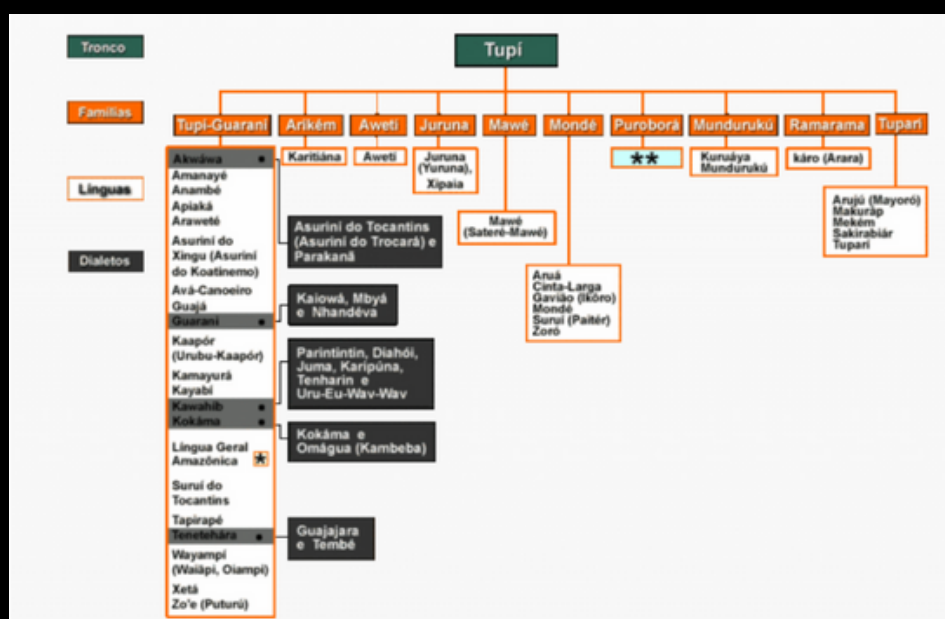
Cesto Kaingang.
Artista: Petronília Kaingang
Procedência: Laranjeiras do Sul - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.



Braçadeiras e Tiara
Artista: Leandro Kaingang
Procedência: Curitiba - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

Guarani

Os indígenas Guarani estão presentes no Paraguai, Argentina e no Brasil. No território brasileiro eles representam a maior etnia indígena, contando com uma população de cerca de 40 mil pessoas. O que auxilia para que existam em grande número é sua organização de subgrupos e a principal diferenciação desses grupos é na questão linguística, que pode acabar refletindo na cultura material e imaterial. Mas acima das diferenças, existem elementos culturais semelhantes ou até mesmo idênticos que os unem. Os três grupos são denominados Kaiowá, Nandeva e Mbyá e são falantes de dialetos próprios dentro da língua Guarani da família linguística Tupi-Guarani.



Mapa das Línguas do Tronco Macro-Jê. Disponível no site Povos Indígenas no Brasil (PIB).

Os Guarani-Kaiowá se autodenominam Pai-Tavyterã e vivem em sua maioria no estado do Mato Grosso do Sul e no Paraguai. Já os Guarani-Nandeva vivem no Paraguai, Argentina e no Brasil estão nos estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Os Guarani-Mbya vivem na Argentina e Paraguai e no Brasil residem nos estados do Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Tocantins e Espírito Santo.

Sua presença pelos mais diversos espaços do Brasil se dá pela busca da Terra Sem Mal (*yvy marãey*), que pode ser interpretada como uma terra de abundância, ou intocada, ou ainda uma terra eterna. Uma ideia não no sentido quantitativo, mas de uma continuidade a seus elementos e esse pensamento ajuda a definir os modos de existir como o meio ambiente e o seu uso. Trata-se de um espaço físico, em que teriam acesso de corpo e alma, sem precisar passar pela morte para alcançar o paraíso.

A Terra sem Mal é a negação de ordens sociais e políticas, onde tudo acontece sozinho, há opulência e lazer interno, os homens se autogovernam e nenhuma ação maior limita as ações do homem e todos são livres.

Mas por se tratar de um espaço físico e real é necessário a migração, que é iniciada e direcionada por um “caraíba” (profetas ou feiticeiros), eles possuíam certo poder espiritual e vagavam livremente por entre aldeias e eram sempre recebidos com extremo respeito. As migrações feitas pelos indígenas Guarani são a explicação por sua ocupação vasta no território brasileiro e de sua conexão entre os três clãs como uma única etnia.

Organização social:

Os espaços ocupados pelos Guarani-Mbya são chamados de *tekoa*, seria o local onde podem exercer o modo de vida tradicional, portanto que reúne condições geográficas e ecológicas e permite o desenvolvimento político-social fundamentado na religião e agricultura de subsistência. É essencial a presença das matas (*ka'aguy*) que além de disponibilizar os meios material de vivência tradicional, também é essencial para a existência da cosmo percepção Guarani, como cenário para narrações cosmológicas e a morada de espíritos importantes.

A *tekoa* é organizada por assentamento familiares e pelas relações de reciprocidade entre os seus habitantes. A aldeia é formada principalmente por uma ou várias famílias extensas, desde que possuam um líder espiritual e político, comumente chamado de *tamõi* (avô) ou pelas *jari* (Ñandeva) e *Kunhã Kari* (Mbya).

A família extensa é formada por um casal, suas filhas, genros e netos, juntos eles constituem uma unidade de produção e consumo e o líder é responsável pelo seu grupo familiar, como a distribuição das casas, das plantações e como utilizarão os recursos naturais, mas atualmente muitas famílias se organizam de forma dispersa na aldeia e a casa do líder se torna o local central da aldeia.

Os casais se formam a partir dos 15 aos 18 anos e as novas famílias formadas devem ser capazes de desempenhar suas funções para manter uma casa e filhos, tradicionalmente deveriam se mudar para a casa ou localidade do pai da noiva, mas hoje é muito comum que essa mudança seja definida pelo poder político das famílias envolvidas.

O chefe político é o cacique, ou capitão, responsável principalmente pela intermediação das relações da comunidade indígenas com os representantes do Estado. Muitas vezes o chefe político pode ser também o tamöi, mas não é uma regra rígida e mesmo que o tamöi de uma família extensa seja o líder político, sua influência política está limitada a assuntos do Estado e ele não possui um poder sobre as demais famílias.

Comidas Típicas:

Os Guarani possuem cultivos tradicionais em roças relativamente pequenas que pertencem às unidades familiares, onde todos os membros de uma família participam da produção com suas próprias atividades. Fazem a plantação de milho, mandioca, batata doce, cana-de-açúcar, urucu, feijão arroz, além da plantação de frutíferas e espécies medicinais.

A caça não é uma prática comum entre essa etnia, principalmente devido a uma preocupação com a continuidade de sobrevivências dos animais, afetada especialmente pelo desmatamento. Quando ela ocorre é feita com o arco e flecha, as flechas geralmente de ponta lanceolada.

Xamanismo:

O espaço religioso Mbya é a casa de reza (*opy guaçu*), normalmente próxima ou conectada a casa do líder religioso. Os momentos ritualísticos podem durar várias horas e são realizadas através de danças, cantos e discurso, podendo abraçar situações corriqueiras como a colheita excessiva ou a falta de chuva, problemas familiares, imprevistos etc. O principal ritual entre os Mbya é o *Nheemongarai*, ritual que abençoa os cultivos colhidos e é o momento em que se atribui o nome às crianças que nasceram no período.



Cachimbo - Petyngwa
Etnia: Guarani - Mbya
Artista: Desconhecido
Procedência: Palmas - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.



Cachimbo - Petyngwa
Etnia: Guarani - Kaiowá
Artista: Desconhecido
Procedência: Palmas - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

O cachimbo (*petyngwa*) é muito utilizado em momentos cotidianos, como na roça, enquanto cozinham, em rodas de chimarrão, em construções de casas, muitas vezes o cachimbo é circulado entre os presentes que desejam utilizar. Alguns dizem que o uso do cachimbo dessa forma é à toa, que foge do sentido de utilizá-lo e podendo causar males aos que utilizam. O comum é que ele seja utilizado dentro da casa de reza, em momentos rituais, assim as pessoas entram na casa de reza, se sentam em um formato de meia lua e lá cada um irá utilizar seu cachimbo de forma individual, utilizando a fumaça para uma limpeza, iniciam momentos de cura, de aconselhamentos, corais de crianças e assim por diante.

As crianças sempre participam desses processos, sejam acendendo o cachimbo para os adultos ou fingir utilizar o cachimbo em momentos rituais. O cachimbo é utilizado também para abrir a mente, os xamãs que o utilizam regularmente, precisa abrir a mente para que consigam observar seres em sua verdadeira forma.

Produção Material:

Tradicionalmente a produção material era de uso diário e ritualístico dentro da própria aldeia, mas hoje estão conectados à um contexto de vendas, para que isso acontecesse algumas características de produção foram modificadas.

A produção de artigos para a venda possui diversos aspectos e etapas. O produto pertence à família nuclear e a responsabilidade de criação desses objetos são de todos os familiares, as tarefas são distribuídas de acordo com idade, sexo e aptidão. Possuem autonomia e controle na dinâmica de trocas de matéria prima e peça entre as famílias.

O grafismo é um meio de comunicação através de um meio visual. É através do grafismo reproduzido nas mais diversas superfícies que os Guarani fazem a sua conexão com os ancestrais e afirmar e reafirmam sua cultura. A superfície onde o grafismo Guarani é mais presente é a cestaria, utilizada antigamente para o carregamento de alimentos e até mesmo crianças, hoje muito usado na venda e principal fonte de renda de diversas famílias. Possuem duas formas de desenho, o *Ypará*, com significados mitológicos, simbólicos e sagrados e os *Ta'anga* com significados físicos e estéticos.



Grafismos Guarani - Mbya
Artista: Naum Kaingang
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

Existem três principais tipos de grafismo. O *Yapara Korá*, que apresenta formas geométricas presentes no corpo das cobras, o *Ypara Jaxá* que apresenta correntes em linhas retas e o *Ypara Ixy* que apresenta movimentos de zigue-zague. Mas artistas não estão limitados a tais representações, possuem certa liberdade em suas criações, principalmente em objetos com contexto de comércio.

A cestaria é o princípio mítico dos Guarani, ela foi ensinada por seu deus maior Nhanderu para que pudessem carregar o milho sagrado e as crianças, portanto o cesto está no princípio da criação do homem. O cesto é o recipiente pronto para os propósitos de Nhanderu. Os cestos com grafismos são chamados de *ajaka* (cesto) para (padrão contrastado).



Cestos.
Etnia: Guarani - Mbya
Artista: Desconhecido
Procedência: Manoel Ribas - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

As cestarias também representam com grande facilidade como as produções materiais se transformaram. As feitas especificamente para a venda tendem a ser coloridas artificialmente e pode ser utilizado fios de nylon para a amarração, além da mudança da finalidade dos objetos, enquanto o objeto para a venda é produzido com a criatividade e maior liberdade do artista, a cestaria tradicional tende a ser produzida com uma ligação a ancestralidades, conectada aos contos de origem da etnia.

Os instrumentos musicais mais produzidos e utilizados são o violão, o *mbaraka* (chocalho) e o *Takuapu* (claves de bambu). O chocalho também chamado de *mbaraka* mirim é feito de cabaça e sementes encabado por bambu, se trata de um instrumento xamânico reservado aos homens. Já o *Takuapu*, são claves de bambu utilizadas somente pelas mulheres e são batidas no chão, elas são responsáveis pelo ritmo das canções e simboliza a feminilidade nos rituais.



Maracás
Etnia: Guarani - Mbya
Artista: Desconhecido
Procedência: São Paulo - SP
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

As esculturas de animais em madeira são chamadas de Vixo Ra'angas, são feitas de madeira clara e depois gravadas com ferro aquecido ao fogo. De uma forma geral são produzidos pelos homens das aldeias. São os homens que entram na mata em busca da árvore certa para a produção, para tal árvore não precisa ser derrubada, é retirada uma fração desses troncos, dependendo do tamanho e quantidade de animais a serem produzidos. Muitas dessas madeiras são vendidas aos homens mais velhos que já não tem força para ir até a floresta em busca dela.



Vixo Ra'angas
Etnia: Guarani - Mbya
Artista: Desconhecido
Procedência: Curitiba - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

A origem das esculturas é incerta, existem poucos registros dos objetos no contexto pré-colonial, outros depoimentos dizem que é produção contemporânea, e teria iniciado apenas algumas décadas atrás principalmente com o intuito da venda.

Mas a produção desses animais tem grande valor dentro da cultura guarani. Diferentes aldeias e regiões do Brasil podem ter seu próprio significado. Através da representação em madeiras os indígenas demonstram sua conexão com os animais que lhe são importantes. Também podem ser feitas como uma representação da caça realizada. Os animais podem também representar diversas qualidades diferenciadas como a onça (*jaguetê*) significa coragem, a coruja (*urukure'a*) é uma guardiã da noite, tatu (*kurôxa*) é guardião da terra, tartaruga (*karumbé*) significa resistência.

Os animais também são uma fonte de ensinamento, pois os pais ensinam aos filhos questões de proporção e simetria, além da composição da fauna do espaço em que vivem isso através de história oral, observações e no dia a dia.

Outra produção significativa da etnia Guarani são as Árvores da Vida. A árvore da vida é uma representação contemporânea que surge após a inundação da Hidrelétrica de Itaipu. A região que margeava o Rio Paraná possuía grande diversidade de fauna e flora, além da presença de famílias indígenas Guarani, durante a construção da hidrelétrica, as comunidades indígenas foram realocadas, assim como os animais que habitavam a região. Mas quando foi iniciada a criação do Lago Itaipu, não somente foram fechadas as compostas como se iniciariam fortes chuvas, o que acelerou o processo de enchimento do lago, fazendo com que os animais que ainda permaneciam no local ficassem em perigo. Foi feito um movimento de resgate desses animais chamado de *Mymba Kuera* ("pega bicho"), mas muitos acabaram morrendo



Vixo Ra'angas
Etnia: Guarani - Mbya
Artista: Desconhecido
Procedência: Curitiba - PR
Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.



Operação Mymba Kuera no Lago de Itaipu
Disponível em:
<https://santahelena.portaldacidade.com/noticias/regiao/ha-40-anos-itaipu-resgatava-36-mil-animais-na-formacao-do-reservatorio-0207>.

Os indígenas Guarani utilizam então da simbologia das árvores, que foi o refúgio de muitas dos animais, para representar a perseverança e resistência da natureza, além da representação de sua conexão ancestral com os animais.

Xokleng

O povo indígena Xokleng se autodenomina Laklanõ que significa “gente do sol” ou “gente ligeira” e vem ganhando maior espaço em um movimento de recuperação cultural. A língua falada é a Xokleng que pertence à família linguística Jê, devido a uma queda nos falantes da língua ela tem sido cada vez mais incentivada, principalmente através do uso na sala de aula e o desenvolvimento de um dicionário, assim conhecendo também a língua escrita.

A população Xokleng se reúne em sua maioria na Terra Indígena Ibirama em Santa Catarina junto de indígenas Kaingang, Guarani e não-indígenas, mas a etnia também está presente no Paraná e no Rio Grande do Sul, contam com uma população de cerca de 2 mil pessoas.

Os contatos do século XVIII entre os Xokleng e os não-indígenas já incidiam os processos de ocupação do território tradicional indígena com o objetivo de exploração para o estabelecimento de fazendas de gado, cultivo de erva-mate e exploração da madeira. Os conflitos se iniciam com a grande redução da meta nativa de araucárias que afetou diretamente uma das principais fontes de sobrevivência dos povos indígenas da região.

No século XIX se intensiva a colonização no território o que faz com os indígenas Xokleng sejam cada vez mais empurrados do Rio Grande do Norte para Santa Catarina, o que dificultou ainda mais a luta por território entre os não-indígenas, os Xokleng e a etnia Kaingang que já habitam o local. Assim os indígenas são afetados por dois principais grupos, aqueles que buscavam seu extermínio e os grupos que buscavam a catequização dos grupos tradicionais. Além das mortes através de conflitos pelo território, também foram afetados por doenças respiratórias e o rapto de crianças e mulheres para assimilação da cultura não-indígenas.

Quando se cria em 1910 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) se estruturam postos de apoio aos indígenas, que se auxiliou os Xokleng no assentamento em algumas terras indígenas em Santa Catarina e no Paraná. Hoje lutam para a estabilidade de tais terra indígenas para que possam se bem estabelecer e retornar a organização socioeconomica tradicional da etnia.

Organização Social:

Os Xokleng se organizam em diferentes aldeias, cada uma delas possui um cacique e um vice cacique e acima de todas as aldeias existem um cacique-presidente, que representa as aldeias em instituições políticas. Eles são escolhidos por voto direto e possuem um mandato de dois anos com direito a reeleição.

Na aldeia se organizam em casas de famílias nucleares, mas reunidas com a família extensa e compartilham entre si as produções de sobrevivência e as tarefas diárias. A cheia das famílias tende a pertencer as mulheres mais velhas que podem auxiliar na escolha de casamento aos filhos e coordenam as tarefas diárias. As crianças passam por um processo de nominação, onde possuem um nome bonito (*uh*), um secular (português, norte-americano ou bíblico) e um nome Xokleng com o sobrenome do pai.

Xamanismo:

O Xamanismo praticado pelos Xokleng antigos afetava mais precisamente sua família imediata, e o conhecimento xamânico era passado por um familiar próximo. As doenças seriam a vinde de uma presença exterior que devorava o corpo e a alma, quando o contato foi feito com o não indígena os xamãs tentaram usar suas técnicas para curar as doenças de *zug* (doenças de branco) mas não tiveram sucesso e perderam sua credibilidade.

Hoje os Xokleng são evangélicos e o trabalho do xamã se encontra nas mãos de pastores indígenas, nos cultos é possível notar o uso de algumas técnicas antigas para a cura de alguns indivíduos.

Produção Material:

As produções materiais Xokleng são produzidas para o uso imediato e quase nunca para a venda. Na década de 1930 produziam painéis e talhas de argila, canoas de madeira, cestos para guardar cinzas e cestos revestidos de cera para transportar água, lanças de madeira, colar, redes de pesca e tangas. Hoje sua produção está limitada a tangas e colares, instrumentos musicais como chocalhos e alguns poucos objetos para a venda.

Xetá

O povo indígena Xetá fez contato com a sociedade não-indígena somente na década de 1940 e foram extremamente afetados por tal contato. Habitantes tradicionais do noroeste do Paraná, hoje habitam também os estados de São Paulo e Santa Catarina e sua língua pertence à família linguística Tupi-Guarani.

O contato entre a etnia e os não-indígena ocorre com a tentativa de agentes estatais e empresas privadas de uso de um território que era dito como desocupado. Após o primeiro contato era estimado que existiam cerca de 400 a 800 indivíduos xetá, mas rapidamente essa população foi dizimada e dispersada por conta de intoxicação alimentar, envenenamento, gripe, sarampo, pneumonia, armas de fogo, queima das aldeias, rapto de crianças e outras ações aplicadas às aldeias, assim década de 60 muitos buscaram abrigo em terras afastadas e se unem a aldeias das etnias Kaingang ou Guarani. Foi feita uma tentativa de uma reserva florestal que serviria de abrigo a etnia, mas que era desrespeitada constantemente incentivando a dispersão dos indígenas.

A maior parte dos sobreviventes do genocídio Xetá foram crianças e muitas delas dispersas em diversas etnias, aldeias, terra indígenas diferentes ou ainda em famílias não indígena, assim se torna incerta a afirmação de quantos indígenas Xetá existem nos dias de hoje.

Em 1999 se possuía conhecimento somente de oito indivíduos Xetá que sobreviveram, todos ligados por lações de parentesco. Não se organizavam como uma única sociedade, viviam em aldeias Kaingang, Guarani ou no meio urbano-rural, sem conseguir ou até mesmo possuir o conhecido do modo tradicional de vida da etnia. Muitos se casaram com indígenas de outras etnias ou com não-indígenas. E em 2017 se tem o registro de que cerca de 160 indivíduos Xetá habitavam a Terra Indígena São Jerônimo no Paraná.

Existem muitos espaços e instituições no Paraná que possuem acervos etnológicos da cultura material Xetá, como o Museu Paranaense e o MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, um dos únicos meios de conhecimento sobre a cultura material tradicional.

Os indígenas Xetá se organizavam de forma patrilinear e em clãs, muitos pesquisadores descrevem uma organização em metades e dualidades, assim dois clãs, dois nomes para objetos, lugares, animais e pessoas. Possuíam a tradição de furos e adornos faciais, normalmente feitos durante os rituais de passagem masculinos e femininos, nos lóbulos de orelha e nos lábios, por conta disso podem ser encontrados na história como Botocudos.

Tinham uma produção material de adornos de ossos de animais, bordunas de madeira, adornos de pele de onça, colar de sementes, brincos de penas, tangas de tecido, esculturas feias de cera da abelha jataí, além de instrumentos de caça e pesca, como os arco e flechas e armadilhas de pesca.



Armadilha de pesca

Etnia: Xetá

Artista: Desconhecido

Procedência:

Imagem: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena.

Caminho de Peabiru

Os caminhos e trilhas que eram utilizados pelos povos indígenas no meio das matas para atividades do cotidiano, com caça, pesca, coleta de alimentos, migrações e trocas comerciais, foram muitas vezes substituídos por caminhas e estradar da engenharia moderna e contemporânea.

No Paraná diversos caminhos indígenas foram utilizados para a demarcação de territórios e fronteiras, como o caminho do Viamão, a Estrada da Graciosa e o Peabiru. O caminho do Peabiru é tido como a mais importante rota transcontinental da América do Sul, do período pré-colombiano, que atravessava o continente do Oceano Pacífico ao oceano Atlântico. Por conta de sua grande extensão, esse caminho possui diferentes nomes em diferentes regiões como Caminha da Montanha do Sol, Caminho de São Tomé, Caminho do Mato, Caminho do Sertão e Caminho Velho, assim uma nomenclatura específica para cada região que perpassa.

O nome Peabiru é de origem Guarani (etnia que pode ter sido responsável pela criação do percurso, mas não é possível apontar teriam sido os verdadeiros criadores), a Palavra "*Tape Aviru*" ou "*Ta pe a beyuy*" que pode ser traduzido como caminho forrado, caminho sem ervas ou caminho de ida e volta e para os Guarani esse seria o caminho para a Terra sem Mal, na qual eles conseguiriam buscar pelo paraíso.

Apesar de ter sido utilizado não só pelos indígenas, mas também por aventureiros europeus, colonizadores, exploradores de riquezas naturais, sua localização exata é imprecisa. Pois apresentavam um caminho principal mais com ramificações secundárias e ramificações que levavam ao caminho secundário e interligava varia populações indígenas.

O ramal principal apresentava duas ramificações que vinham do litoral de Santa Catarina e outra do litoral de São Paulo que se encontravam no litoral planalto Paranaense e seguia senti o Oeste, passando por Mato Grosso do Sul, Paraguai, Bolívia e Peru.



Esboço do Caminho de Peabiru na América do Sul.
Adaptado de BOND & FINCO (2004).
Organizado por Ana Paula Colavite.
Disponível em: Geoprocessamento Aplicada a Estudos do Caminho de Peabiru.



Mapa Político do Paraná com o Caminho de Peabiru
Adaptado de DNIT (2002) e Maack (2002)
Disponível em: Geoprocessamento Aplicada a Estudos do Caminho de Peabiru.

Referencias

Sites:

ADAPTADOS à vida urbana, moradores de aldeia no Campo de Santana ainda preservam sua cultura. Prefeitura Municipal de Curitiba. 19/04/2016. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/adaptados-a-vida-urbana-moradores-de-aldeia-no-campo-de-santana-ainda-preservam-sua-cultura/39476>. Acesso em: 10/06/2024.

CENSO 2022: Paraná tem 30.460 indígenas em 345 cidades. Paraná: Governo do Estado. Agência Estadual de Notícias. 07/08/2023. Disponível Em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Censo-2022-Parana-tem-30460-indigenas-em-345-cidades>. Acesso em: 10/06/2024.

CONHEÇA a maior comunidade indígena do Paraná, localizada na região de Nova Laranjeiras. RPC, Meu Paraná, 07/10/2023. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rpc/meuparana/noticia/conheca-a-maior-comunidade-indigena-do-parana-localizada-ne-regiao-de-nova-laranjeiras.ghtml>. Acesso em: 10/06/2023.

GUARANI KAIOWÁ. PIB. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1. Acesso em: 24/06/2024.

GUARANI MBYÁ. PIB. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em: 24/06/2024.

GUARANI ÑANDEVA. PIB. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_%C3%91andeva. Acesso em: 24/06/2024.

GUITARRARA, Paloma. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm#:~:text=Os%20povos%20guarani%20somam%20mais,pessoas%20que%20se%20autodeclaram%20ind%C3%ADgenas..> Acesso em: 09/07/2024.

LÍNGUAS. PIB. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Acesso em: 11/06/2024.

MUITA Terra para pouco Índio? Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/quem-sao#:~:text=Os%20estados%20do%20sul%20do,%C3%A1rea%20somada%20dos%20tr%C3%AAs%20estados>. Acesso em: 10/06/2024.

KAINGANG. PIB. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>. Acesso em: 11/06/2024.

KOWALSKI, Rodolfo Luis. Paraná tem 45 aldeias e 23 terras indígenas de várias etnias. Bem paraná. 18/04/2023. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/parana-tem-45-aldeias-e-23-terras-indigenas-de-varias-etnias/>. Acesso em: 10/06/2024.

XETÁ. PIB. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xet%C3%A1>. Acesso em: 16/07/2024.

Artigos:

ANDRADE, Francisco de Carvalho Dias de. Técnica, Cultura e Museu: O monjolo entre a arqueologia do café e a civilização caipira. *História* (São Paulo), v.43, e20210055, 2024.

ARNT, Mônica de Andrade. Os cânticos de Guerra de Grupos Kaingang na Grande Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32862/000788273.pdf>. Acesso em: 20/06/2024.

AYRES. A. D.; BARTOLOME, M. M.; BRANDO, F. R. Etnologia dos Kainkang e seus territórios no Estado do Paraná. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável GUAJU*, Matinhos, v. 9, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/87377>. Acesso em: 14/08/2024.

BARROS, M. V. F.; COLAVITE, A. P. Geoprocessamento Aplicado a Estudos do Caminho de Peabiru. *Revista da ANPEGE*, v. 5, p. 86 – 105, 2009. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6590>. Acesso em: 09/08/2024.

BERNAL, MacDonald Fernandes. SANTOS, José Carlos dos. A Árvores da Vida, o Mbya Kuera e o Dilúvio na Tríplice Fronteira. *Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste*. Foz do Iguaçu, v. 16, n. 2, p. 203-225, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/10471>. Acesso em: 12/07/2024.

FRANCISCON, M. W.; MARTINS, G. C. P. O indígena na ocupação do norte do Paraná: O mito do vazio demográfico. *Revista Percurso – NEMO*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 53-73, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49748>. Acesso em: 29/07/2024.

LEITE, Gian Carlo Teixeira. Do contato aos dias atuais: Sete décadas de notícias sobre os Xetá da Serra dos Dourados. *Revista Sociologias Plurais*, v. 5, n. 1, p. 343-367, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/68223>. Acesso em: 16/07/2024.

NAVARRO, E A. Terra sem mal, o paraíso tupi-guarani. *Cultura Vozes*, v. 89, n. mai./ju 1995, p. 61-71, 1995 Tradução. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Navarro_EA_5_890838_TerraSemMalOParaísoTupi-Guarani.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

MARQUES, Roberta Pôrto. Cachimbos Guarani: uma interpretação etnoarqueológica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21299>. Acesso em: 10/07/2024.

MILEZZI, Maika Pires. QUEIROZ, Shirley Gomes. Artesanato Mbya Guarani: Contexto cultural e colonialidade. *Revista de Design, Tecnologia e Sociedade*. Brasília, v. 4, n. 1, p. 36-52. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/12635>. Acesso em: 12/07/2024.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. SILVA, Maria Angelita. Quero os meus brincos: memória da infância, patrimônio e identidade na saga do povo Xetá. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 14, p. 565-577, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7778>. Acesso em: 16/07/2024.

PARELLADA, Claudia Inês. Plumária, peles, lascas e ceruma de abelha: Diálogos entre arqueologia Guarani e povos Xetá. Pesquisas, Antropologia. 2017. Disponível em: <https://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/volumes/073/010.pdf>. Acesso em: 16/07/2024.

PEREIRA, Vicente Cretton. O lugar do tabaco: cachimbo e xamanismo Mbya Guarani. Universidade Federal de Alfenas. Revista de Antropologia. Alfenas. 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/161082>. Acesso em: 10/07/2024.

RIBEIRO, R. G. T., SILVA, J. A. P. A Etnomatemática como ferramenta do saber/fazer matemático nos artesanatos dos bichinhos de madeira do povo guarani. Revista da Faculdade de Educação (FAED). 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/11434>. Acesso em: 10/07/2024.

SILVA, Alexandrina da. O Grafimso e Significados do Artesanato da comunidade Guarani da Linha Gengibre. Desenhos na cestaria. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2015/04/Alexandrina-da-Silva.pdf>. Acesso em: 15/07/2024.

Livros:

CONRADE, Daniel (Karaí). A arte Guarani de Guaraqueçaba. Aldeia Kuray Guata Porã. Ponta do Morretes, Guaraqueçaba, Paraná, 2015.

LADEIRA, Maria Inês. Espaço Geográfico Guarany-Mbya: significado constituição e uso. São Paulo: EDUEM/EDUSP, 2008.

MOTA, Lúcio Tadeu. As guerras dos índios Kaingang. A história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 1994.

PASSOS, L. R. B., et al. Patrimônio Imaterial e Comércio: Mulheres, crianças e artefatos indígenas em Curitiba. Curitiba: Máquina de Escrever, 2022.

ZACARIAS, A. K. P., et al. Os Kaingang do Apucarantina e suas histórias. Centro de Memória e Cultura Kaingang, Curitiba. PR: Renê Wagner Ramos, 2021.